



A ESTAMPA, que precede, é allegorica; designa Miguel Angelo absorto em suas concepções sublimes, e rodeam-no os attributos de sua gloria, estatuas, palhetas, esboços; ao longe avista-se o magestoso zimbório de S. Pedro, sua obra mais estupenda.

Miguel Angelo Buonarotti foi um daquelles raros engenhos, favorecidos de todos os naturaes dotes no subido gráu em que parece que a divindade se compraz, de seculos a seculos, em juntar n'uma só pessoa muitas excellencias, que repartidas, cada uma de per si, bastariam para ganhar celebridade a differentes talentos. Difficil é assignalar se foi elle mais insigne na estatuária, se na architectura; um escriptor eloquente lhe chama *o pai da pintura épica*; foi distincto na poesia, mui sabedor litterato, e teve optimas qualidades moraes. Era portanto impossivel que o Panorama, no decurso de quasi seis annos, mantivesse silencio a respeito de homem tão celebre: por isso no 2.º vol. [anno de 1838] tratando de suas obras principaes dêmos devida conta, ainda que breve, de seu transcendente merecimento, a pag. 82, e a pag. 298 *in fine*: veja-se mais a pag. 391 do 1.º vol. da presente Serie 2.ª

Ao sahir da meninice, aquelle que havia de ser tão eximio artista manifestou logo habilidade prodigiosa; e postoque ao orgulho de sua familia, descendente dos illustres condes de Canossa, era into-

leravel a idéa de educar para o exercicio das artes liberaes o joven Miguel, consentiram a final em o submeter á direcção dos irmãos Ghirlandaio, então afamados pintores de Florença, e que tiveram a sinceridade de confessar que o discipulo ao cabo de dois annos sobreexcedia seus mestres: effectivamente Miguel Angelo, de quinze annos de idade, já não tinha professores, nem obras porque aprendesse, donde veio entregar-se aos impulsos do seu genio, a cuja peculiar circumstancia se deverá talvez a originalidade, que constitue o caracter de suas obras.

Lourenço de Medicis, cognominado *o magnifico*, concebeu a idéa de crear em sua cõrte uma escola de esculptores, e em o numero dos que para esse intento escolheu entrou Miguel Angelo, que em periodo mui curto se fez sobremaneira notavel na estatuária, arte que acima de todas mais estimou: fallecendo porem o protector, dissolveu-se a Academia, e Buonarotti por tempos permaneceu sem obras em que occupar-se, frouxos como então estavam o amor e gosto pelas Bellas-Artes; até que o prior da casa religiosa da invocação do Espirito-Santo lhe deu habitação no convento, encommendando-lhe um crucifixo, e facilitando-lhe dos hospitaes cadaveres humanos para que estudasse a anatomia, quasi ignorada naquelle seculo; por este meio o mancebo ar-

tista adquiriu o grande conhecimento em myologia, que lhe deu nome entre os mais distinctos desenhadores.

O papa Julio 2.^o chamou-o a Roma e lhe encarregou a esculptura do monumento que para si destinava, e as pinturas da capella sixtina; obras até hoje consideradas como prodigios da arte. — Posteriormente empregado pelos pontífices Leão 10.^o, Adriano 6.^o e Clemente 7.^o fez os famosos quadros do Juizo final, da Conversão de S. Paulo, da Crucifixaõ de S. Pedro e as soberbas estatuas de Moyses, de David, e outras, que tem sido geralmente admiradas. — Por morte de Bramante foi escolhido para continuar a fabrica da colossal basilica de S. Pedro (*) corrigindo a planta primitiva, e reduzindo a ordem a confusão occasionada pela variedade de riscos que se haviam adoptado. — O seu estilo architectonico distinguia-se pela grandeza e ousadia das concepções; e nos seus ornamentos brilha certa pureza, filha tão característica da sua imaginação.

Assim passou a vida, sobresahindo em quanto emprehendia e compunha, até que sentindo avizinhar-lhe o termo della, na avançada idade de 90 annos, chamou a seu sobrinho Leonardo, a quem dictou seu testamento, limitado ás seguintes palavras. — «Deixo a minha alma a Deus, o meu corpo á terra, e os meus bens a meus mais proximos parentes.» — Pouco depois deu o espirito ao Creador, aos 10 de fevereiro de 1564.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

VII.

Viagem de Tron e Lippomani.

(1580.)

(Continuação de pag. 82.)

As mulheres portuguezas são singulares na formosura e proporcionadas no corpo; a côr natural dos seus cabellos é a preta, mas algumas tingem-nos de côr loura: o seu gesto é delicado, os lineamentos graciosos, os olhos negros e scintillantes, o que lhes acrescenta a belleza: e podemos affirmar com verdade que em toda a viagem da península as mulheres que nos pareceram mais formosas foram as de Lisboa; posto que as castelhanas, e outras hespanholas arrebuquem o rosto de branco e encarnado, para tornarem a pelle, que é algum tanto, ou antes muito trigueira, mais alva e rosada, persuadidas de que todas as trigueiras são feias. O traço feminino em Lisboa é o commum de toda a Hespanha; isto é, o manto grande de lan ou de seda, segundo a qualidade da pessoa. Com elle cobrem o rosto e o corpo inteiro, e vão aonde querem, tão disfarçadas, que nem os proprios maridos as conhecem, vantagem esta que lhes dá maior liberdade do que convem a mulheres bem nascidas e bem morigeradas. As damas nobres costumam ser acompanhadas, pela cidade, de creados bem vestidos, que lhes precedem com passos lentos e socegados, e de donas que as seguem com grandissima gravidade, não tendo por signal de boa reputação o serem acompanhadas de donzellas.

O povo miúdo vive pobremente, sendo a sua comida diaria sardinhas cozidas, salpicadas, (§) que se

(*) Vid. a noticia a pag. 297 e segg. do vol. 2.^o

(§) *Salmestrate* — dialecto veneziano talvez.

vendem com grande abundancia por toda a cidade.

Raras vezes compram carne, porque o alimento mais barato é esta casta de peixe, que se pesca em notavel cópia fóra da barra, como se pesca muito outro de todas as qualidades e muito grande; mas em geral menos gostoso do que o das aguas de Veneza, e tão caro, que faz espanto aos estrangeiros e custa muito aos naturaes, que passam mal pelo preço excessivo de tudo o que serve para o sustento. Comem os pobres uma especie de pão nada bom, que todavia é barato, feito de trigo do paiz, todo cheio de terra, porque não costumam joeira-lo, mas manda-lo moer nos seus moinhos de vento, tão sujo como o levantam da eira. O pão bom e alvo faz-se de trigo de fóra, que trazem de França, Flandres e Allemanha os navios destas nações quando vem a Lisboa buscar sal e especiarias. Este, na verdade, tambem não é joeirado, mas as mulheres pobres o escolhem grão a grão, assentadas á porta da rua com paciencia fleugmatica mais propria d'allemaãs que de portuguezas. Estas mulheres tem licença para fabricar o pão e vende-lo pela cidade onde e como lhes apraz, o que sempre é por alto preço. O trigo vale a 280 réis o alqueire. Nutre-se tambem a gente pobre de fructa, que abunda muito e é baratissima.

O vinho commum é pouco bom, por não dizer máu; porque não sabem, ou não querem ter o incommodo de o fazer bom. Vale geralmente a 24 rs. a canada. Os vinhos finos são excessivamente caros: os Sñrs. Embaixadores tiveram de pagar o branco para o consumo ordinario da sua mesa a 60 escudos a pipa

Quanto ás vitualhas não é em Lisboa que se hão-de buscar cousas muito exquisitas. Até a vitella é rara; porque não costumam matar estes animaes, guardando-os para crescerem e servirem nos trabalhos do campo ou de abastecimento da cidade, sendo, alem disso, ahi a comida ordinaria o capado, que é excellente.

No tempo de elrei D. Sebastião as rendas reaes consistiam nos direitos das alfandegas de Lisboa e de todo o reino, assim sêccas como molhadas. D'umas cousas pagava-se o quinto, d'outras a decima; e do peixe, em muitas partes, mais de metade. Havia tambem rendas em cereaes, vinho, e outros generos; as rendas dos mestrados a que pertenciam as ilhas de S. Thomé, Terceiras, Cabo-verde, Madeira, e Principe: as da Mina que pertenciam á Ordem de Christo. As especiarias e outras fazendas que vinham annualmente da India e do Brasil produziam tambem um avultado rendimento. Apesar, porem, d'este ser tamanho nada vinha a entrar no thesouro; porque tudo se dispendia em armadas e mais cousas necessarias para a conservação daquelles estados, e afora isso se distribuia em salarios d'officiaes e ministros da justiça no continente; em mercês vitalicias, que chamam tenças, aos benemeritos da corôa, aos fidalgos, e mais pessoas, que scriam assim no reino como na Africa e India: em juros perpetuos, que os reis vendiam, estabelecidos nos direitos reaes; em despesas com a gente e ptrechos necessarios para a defensão das praças d'Africa; em cinco gallés constantemente armadas, e no armar dos navios redondos, que todos os annos sahiam juntos, assim para comboiar as frotas que iam e vinham dos portos com que Portugal commerciava, como para mandar ao Brasil, a Guiné, á Mina, a S. Thomé; e finalmente em moradias, gas-

tos da côrte e casa real, paga de creados, esmolos, presentes, embaixadas, dotes ás filhas dos creados, e conservação das fortalezas de Lisboa e do reino.

As noticias do viajante relativamente a Portugal versam desde este ponto sobre a organização judicial e administrativa, ácerca da qual nada se accrescenta que não se ache na nossa antiga legislação. Conclue o narrador com uma historia succinta do reinado de D. Sebastião e das causas do desastre de Alcacer-quivir, da aclamação de Philippe 2.º em Thomar &c. — Abstemo-nos de extractar essa parte relativa á historia politica, não porque seja pouco interessante e curiosa; mas porque é demasiado extensa.

(A. Herculano.)

ANTIGUIDADE DA POLVORA NA PENINSULA.

QUANDO no segundo volume da primeira serie deste jornal publicámos dois extensos artigos sobre a milicia da idade média concluimos o nosso trabalho pondo em grande dúvida, ou antes negando o conhecimento e uso da polvora nas Hespanhas em tempos remotos, e recusando o testemunho de Duarte Nunes do Leão que menciona esse uso em epocha muito anterior ao meado do seculo 14.º em que se crê teve origem este celebre invento, que mudou inteiramente o systema militar da Europa.

Hoje, porem, daremos aqui algumas noticias contrarias á opinião que naquelles artigos seguimos, e que nos parecem curiosas para a historia dessa composição assoladora, que tão terrivel papel tem feito nos successos dos tempos modernos.

Duarte Nunes foi buscar ao capitulo 10.º da chronica de D. Sancho 1.º, de Ruy de Pina, a noticia que nos dá da existencia da polvora e bombardas no fim do seculo 12.º Ahi a chronica narrando o cerco de Silves diz que elrei mandou atirar a uma torre com grandes tiros e grossos de polvora. Vem isto em summa a ser o mesmo que diz Nunes do Leão.

É hoje mais que provavel que a relação da tomada de Silves que Ruy de Pina nos dá tão particularizada, e tão differente da brevidade com que costuma referir successos tanto ou mais importantes, foi tirada de alguma memoria contemporanea, ou pelo menos da chronica geral do reino de Fernão Lopes, que costumava procurar essas mesmas fontes, e cujos trabalhos relativos aos primeiros reinados não chegaram até nós talvez por inveja e maldade de Ruy de Pina.— Seja como fôr, é certo que a relação, que lemos neste chronista concorda em muitas circumstancias com a narração feita por um dos cruzados que assistira áquella conquista, narração publicada ha dois annos pelo Sr. Gazzera nas Memorias da Academia de Turim.

No que, porem, o chronista portuguez parece ter sido menos fiel a essa mesma memoria ou documento de que se serviu, é exactamente neste ponto dos tiros de polvora; porque na narração do cruzado se diz que a torre fôra batida por umas machinas pequenas d'elrei, e uma grande dos estrangeiros. Se as machinas dos portuguezes arremessem tiros de polvora, como é crível que o narrador allemão deixasse de mencionar uma circumstancia tão notavel, e para elle inteiramente nova? É por tanto de crêr que Ruy de Pina quiz enfeitar a relação do successo com esta particularidade; que por isso o seu testemunho não reforça o de Duarte Nunes, e que se

não houvera outras provas positivas da existencia da polvora nos tempos primitivos da nossa monarchia, ficaria subsistindo o que dissemos no nosso anterior artigo ácerca deste objecto.

Algumas pessoas acharam estranho que no segundo capitulo do *Bobo* se descrevesse entre os instrumentos e tiros proprios para combater os logares fortificados no seculo 12.º, uma especie de bombas ou granadas arrojadas por um mixto semelhante á polvora. Todavia não commetemos nenhum anachronismo: nessa parte, como em tudo o que ahi descrevemos, procurámos conservar escrupulosamente a verdade historica. Para o provar publicámos hoje este artigo, que servirá ao mesmo tempo de correcção ao que se disse tratando da milicia da idade média.

Se dermos credito aos chins a polvora é uma invenção sua; mas são mui debeis as provas que apresentam para sustentar esta pretensão. Entretanto Hyde na *Historia do Xadrez* mostra por diversas passagens de escriptores gregos e latinos que os indios defendendo-se da invasão de Alexandre Magno, empregavam o fogo como meio de arremesçar tiros dos logares fortificados; e nesta mesma obra se menciona a longa tradição de se haverem fundido canhões no Pegú em epochas mui remotas. Porventura da India tiraram os arabes o conhecimento da polvora, e de lá provavelmente o obteve tambem a China. A civilização da India parece ser a mais antiga das velhas civilizações da Asia, e é indisputavel que ao trato com os povos do Indostão deveram os arabes grande parte da sua. Quanto a estes nenhuma duvida se póde oppôr aos testemunhos que nos restam de que elles faziam uso na guerra, senão exactamente do mixto a que damos o nome de polvora, ao menos d'outro em que a naphta substitua o carvão, mas em que entravam como naquella o enxofre e o salitre, e que produzia pouco mais ou menos um effeito identico.

Na dissertação que o erudito arabista Casiri publicou em o segundo volume da *Bibliotheca Arabico-Hispanica*, sobre a antiguidade e uso da polvora e artilharia entre os arabes, depois de fallar brevemente do fogo greguez mencionado pelo imperador Leão na sua *Tactica*, e de citar o que sobre a origem da polvora se lê em Ducange na palavra — *Bombarda* — prosegue assim:

«Mas os monumentos arabicos noticiam a sua muito mais remota existencia entre os persas e africanos. Parece por isso verisimil que o conhecimento e uso da polvora passasse dos arabes para os hespanhoes e destes para os francezes, que depois fabricaram a dita polvora, e acharam o methodo de a granular. É isto o que claramente indicam os codices arabicos da bibliotheca do Escorial, e entre outros o que se intitula — *Noticia e methodo regio* — composto por Schehab Aldin Alabas Ahmad Ben Fadhl, auctor que florescia em 1249, e que nessa obra descreve as varias especies d'artilharia usada pelos arabes do seu tempo: — Serpêam — diz elle — e sussurram os scorpões ligados em volta, accesos com salitre, e por isso estourando lampejam e incendiam. Era cousa de vêr o engenho sacudido estender pelo ar uma como nuvem, fazendo um estampido terrivel semelhante ao do trovão, e vomitando fogo para todos os lados, despedaçar, incendiar, e reduzir tudo a cinzas.

Vê-se das palavras do escriptor que elle falla de globos de ferro expellidos pela violencia do fogo artificial; porquanto emprega sempre os vocabulos

Naphta e Barud, materias de que naquelle tempo se fabricava a polvora. Os persas, os turcos, e os arabes davam antigamente o nome de *Barud* ao salitre, e hoje dão a mesma denominação á polvora: quanto á *Naphta* é esta um genero de bitume misturado de enxofre.

O illustre escriptor granadino Abu Abdallá Ebn Alkathib na sua *Historia Hispanica* [ann. 1312—23] falla tambem destes globos de ferro arrojados com o impulso da naphta, nos seguintes termos: — Elle [o rei de Granada Abulvalid] movendo o arraial foi cercar Baeza com grande numero de tropas, onde fez desfechar com estrepito contra o forte castello aquelle grande engenho da naphta e do globo, chegando-se-lhe o lume. — Este testemunho é confirmado pela chronica de Affonso 11.º Na obra de Hassan Ben Omar intitulada *Aura do vento oriental*, escripta na mesma epocha da *Historia Hispanica* igualmente se faz menção da polvora como cousa conhecida geralmente naquelle tempo pelos mouros.

De todos os exemplos do uso da pólvora entre os arabes o mais antigo é o que lembra Elmascino no livro 1.º da *Historia Saracenicæ* onde refere, que na egira 71 [anno 690] Hagiageo tendo cercado Meca destruiu os tectos da Caba, e os reduziu a cinzas com manganellas e morteiros [*manganis et mortariis*] sacudidos por meio de naphta e de fogo.

Estes testemunhos dos escriptores arabes são reforçados por uma passagem da chronica latina do imperador Affonso Raymundez [Liv. 2.º cap. 41] ao mesmo tempo que servem para explica-la. Diz o chronista que os mouros cercado Toledo pozeram em volta da cidade muitas balistas, e machinas, e arremessos de fogo, e trons [*tormenta*] para arrojar pedras e lanças, e escorpiões para despedir setas, e fundas, e aríetes, e vineas. — Aqui por exclusão de partes, visto que o auctor enumera todos os generos de machinas de tiro, se conhece que os trons [*tormenta*] não eram senão as manganellas de fogo que tão triviaes parecem ter sido entre os mussulmanos da Hespanha.

A opinião de Casiri de que a invenção da polvora não sendo verdadeiramente europea, provavelmente passou dos arabes para os hespanhoes e destes para as outras nações francas, não deixa de ser fundada. Como é crível que havendo tão estreitas relações entre os mouros e os christãos da Peninsula, estes ignorassem por muito tempo o modo de empregar um tão poderoso agente de destruição; elles cuja vida era uma serie raro interrompida de batalhas, assedios e defezas de castellos? Frequentes vezes os principes sectarios de uma das crenças se ligavam com os da seita contraria para guerrearem os proprios correligionarios, e não era raro ver marchar unidos na mesma hoste ou arrancada os pendões da cruz e os estandartes moslemicos. Neste intimo trato militar era quasi impossivel que os engenhos, invenções de guerra, e armas pouco a pouco se não tornassem communs. A grande mudança das cervilheiras e saios de malha para as armaduras de solhas, elmos, grevas, emfim de arnez liso foi uma imitação dos cavalleiros do oriente. Basta examinar com attenção os monumentos colligidos por Montfaucon para nos convencermos disso. Porque não succederia o mesmo á polvora? Não poderia o monge Schwartz, a quem se attribue a invenção della, conhecer os livros dos arabes em que se tratasse da sua confecção e uso? O documento que cita Ducange a respeito da epocha em que a polvora primeiro apparece em França [1338] é no-

tavel porque se trata ahi della e das bombardas, não como de uma cousa extraordinaria, mas como de um petrecho de guerra trivialissimo; e de feito este invento terrivel era já commum por toda a Europa no meado do decimo-quarto seculo.

Uma passagem de Petrarcha no livro intitulado *Remedio de varia fortuna* [escripto antes de 1344 como o mostra Muratori no Tom. 2.º das *Antiquidades italianas*] vem roborar esta nossa opinião, mostrando que os tiros para os quaes servia a polvora, eram entre as nações francas os mesmos que descrevem os escriptores arabes. Diz ahi Petrarcha o seguinte: [L. 1. Dial. 99]. . . . os globos de metal, que, introduzidas nelles as chammas, são arremessados com horrivel ruido. . . . Era esta peste rara ainda não ha muitos annos, de modo que se olhava para ella com espanto; agora, porem, é tão commum, como outra qualquer especie de armas. — Eis aqui postrivialissima já a artilharia dos arabes antes de 1344, podendo-se deduzir das palavras de Petrarcha que, posto que menos frequente, já era conhecida nos fins do seculo 13.º E não será digno de reparo, que esta terrivel invenção servisse entre os christãos do mesmo modo que entre os arabes, para arrojar uma especie de bombas ou granadas? Não é mais natural suppór que os francos imitaram os mussulmanos, do que imaginar que uns e outros fizeram o mesmo invento e logo lhe deram uma applicação identica? É obvio que sim.

Em ultimo lugar notaremos que á palavra *Polvora* se póde talvez achar melhor etymologia no arabico *Al-barud* do que no latim *Pulvis*. Verdade é que nós e os castelhanos tomámos quasi sempre os nomes latinos na sua forma do ablativo: mas não deve esquecer que já tínhamos na Peninsula os vocabulos *Polvo* e *Pó*, correspondentes a *Pulvis*, tirados ou immediatamente do latim, ou mediamente d'algum dos dialectos da lingua romana. Os francezes, os italianos, os anglo-normandos deram á polvora a mesma denominação de pó—*poudre, polvere, powder*. Só nós os hespanhoes—meios arabes no sangue, nos costumes, e ainda na linguagem, distinguimos aquelle mixto [*Al-barud*] pela denominação especial de *Polvora*.

(A. Herculano).

FASCINADORES DE COBRAS NA INDIA.

Ha diversas passagens na Biblia que alludem claramente á opinião, que desde tempo immemorial prevalece nas Indias Orientaes, de que as serpentes são susceptiveis de mansidão, perdendo mediante encantamentos toda a sua malignidade. No psalmo 58 compára David os malvados dizendo: — O furor delles é semelhante ao da serpe; como o do aspid surdo e que tapa suas orelhas. Que não ouvirá a voz d'encantadores, nem do feiticeiro que fascina destramente. — No cap. 8.º de Jeremias está escripto: — Porque eis-aqui que vos enviarei serpentes basiliscos para os quaes não ha encantamento.

Todos os que pela India viajam podem prestar testemunho do poder extraordinario que os pelotiqueiros e charlatães do Indostão exercitam sobre as cobras, a ponto de as fazerem dançar sobre o circulo que com a cauda descrevem, e mover a cabeça em variadas inflexões seguindo as toadas do pifano e adufe tocados nessas occasiões. Em Chandernagor, capital dos estabelecimentos francezes no

territorio bengalim, um indio mostrava quatro cobras, que teriam seis palmos de comprido e maravilhosamente ensinadas: — depois de um preludio de musica, a certo som as cobras sahiram das canastras redondas em que estavam uma a uma, e principiarão a mover-se alçada ametade do corpo, erguendo-se e baixando-se pela contracção da parte inferior, umas vezes dando voltas na casa, outras chegando-se ao dono, e enleando-o, e logo retrahindo-se, continuando dest'arte em varias evoluções, até que, a outra toada dos instrumentos, de amedrentar ao que parecia, cada uma se recolheu a seu canistrel, enroscando-se, e ficando quêdas. Não soffre duvida que foram estes reptis amestrados a poder de prática, e que os indios que vivem de semelhantes exhibições são dotados de nimia paciencia e mui singular sagacidade, maior ainda que a dos saboianos que discorrem alheias terras, mostrando marmotas e ursos adestrados em danças. — A primeira operação daquelles pelotiqueiros sabido está que é appossarem-se dos animaes que in-

tentam domesticar; com effeito, assim que descobrem a toca, onde sabem que ha cobra, começam de cavar até apparecer parte do rabo do reptil, e agarrando-lhe rijamente com a mão esquerda o sacam para fóra, correndo com a direita velozmente o corpo até lhe subjugarem a cabeça entre os dedos: immediatamente com pinças lhe arrancam os dois colmilhos ou prezas venenosas, e fica o animal incapaz de fazer mais damno que o de uma mordedura ordinaria, porquanto os mais dentes são mui curtos e desprovidos do folliculo de peçonha. — Levadas as cobras para casa, principia a tarefa do ensino, dando-lhes de comer á mão. A caça das cobras, ditas de capello, é um tanto perigosa, porque se a cabeça escapa da mão direita é inevitavel a mordedura; por isso o indio vai munido de ferro em braza para cauterisar immediatamente a ferida e impedir o effeito fatal. Quanto ao quebranto causado nos reptis pela musica, opiniões ha encontradas, e que parece não terem toda a sancção da verdade.



FASCINADORES DE COBRAS.

AGRICULTURA (*).

DA CALDEAÇÃO DAS TERRAS.

Esta maneira simples e natural de melhorar os terrenos é quasi absolutamente despresada entre nós: quasi que existe um respeito supersticioso em deixar perpetuamente o terreno tal qual o apresentou

a natureza, ou antes tal qual o deixaram as revoluções do globo. Quasi nunca vereis os camponezes trocando no seu campo terra por terra, quando mesmo ahí a tem de differentes especies e qualidades, ou seja na superficie, ou na camada inferior. D'aqui se segue que n'umas partes predomina a areia, a qual, sendo nimiamente permeavel á agua e á luz, se secca e arde no estio, matando a planta; n'outras é um barro forte e compacto, que, ou pela se-

(*) Continuo de pag. 88.

cura da atmosphera se desseca como pedra, e forma gretas, ou com as chuvas se ensopa de maneira que se não presta á vegetação. Entretanto nada seria mais facil do que emendar e corrigir uma pela outra, applicando-lhe os ingredientes contrarios. O tempo que se empregar neste importantissimo serviço póde ser tambem aquelle que sobeja sempre para intercalar entre os maiores trafegos da cultura; e esta manobra póde tanto ser feita por braços fortes, como por mulheres e rapazes de 8 ou 10 annos para cima.

A regra unica para esta operação é procurar e achar terras que vos convem misturar com as vossas, e que faltam no vosso campo. Raras vezes acontecerá que dentro mesmo de vossa propriedade, fazendo diligencia e excavações, não encontreis os materiaes desejados.

Eis os principaes terrenos defeituosos, e os correctivos para os melhorar.

1.º *Terrenos argilosos*, barrentos, fortes e tenazes: emendam-se estes misturando-lhes terra *calcareo*, *saibro*, ou *areia fina*, *marne*, *caliça*, ou *entulho*. Se por acaso faltassem todos estes ingredientes, se poderiam supprir com uma composição de estrume dos menos ardentes com cal e areia, juntando-lhes toda a casta de vegetaes, e rápido de charneca, ou de terra inculca.

2.º Os *terrenos calcareos* d'especie densa e grossa podem melhorar-se pela terra *saibrosa*, e se forem de qualidade mais ligeira, pela *argila* e pelos *marnes argilosos*.

3.º *Terrenos arenosos* se melhoram pela terra *calcareo*, e pelo *barro*, e em geral pelas *terras compactas*, *fortes*.

4.º *Terreno cascalheiro*, pedregoso, se mistura convenientemente com os *marnes*, *argila*, e o *calcareo* bem dividido.

5.º Os *terrenos turbosos* ou palustres se melhoram dessecando-os, ao menos na superficie, e depois misturando-lhes *saibro*, *areia fina* commum, *calcareo*, e *terras grosseiras*, *marne calcareo*, *saibro* ou *areia marinha*, e *cal*; segundo a necessidade de se procurar e obter estas differentes substancias.

Independentemente do correctivo da caldeação e mistura das terras sempre fica um principio predominante em cada um dos terrenos, isto é, sempre fica sendo forte ou fraco, quente ou frio, secco ou humido, porque isso depende de causas naturaes, da formação do solo, da exposição e do clima local: sempre portanto precisa o cultivador adaptar á qualidade do terreno assim o genero de cultura, como as especies de sementes e de plantas que mais lhe convier.

Assim, por exemplo, as *terras fortes* e substanciaes são proprias para as sementeiras do *trigo*: — as terras brandas e leves para os jardins; — as terras medias, que nem são tão fortes que produzam trigo, nem tão fracas, que não tenham alguma substancia, são proprias para o milho grosso, a que chamamos *milhão*; — as terras mais fracas podem dar centeio, cevada, e aveia; — o chamado milho miúdo ou alvo cança muito as terras, mas póde dar-se nos terrenos sombrios e humidos; — o pãoço da-se nas terras pedregosas, e não precisa d'agua; — a vinha quer terra forte, mas argilosa; da-se muito bem nos terrenos calcareos e pedregosos, nas encostas, e em boa exposição ao sol; não quer humidade; — o cânhamo exige boa terra, precisa chuva ou rega, por isso mesmo que é sementeira do verão; — o linho commum e ordinario tambem ama

terra boa, bem preparada e limpa, mais grossa que delgada; precisa calor, e não humidade; — o arroz quer terra humida, que se inunde; — as favas requerem terra bem estrumada, e, como este excellente legume não fatiga a terra, admite depois no mesmo terreno sementeira de trigo, ou outro cereal; — ervilhas querem terra gorda e grossa, um pouco secca e bem estrumada; cançam muito a terra; — lentilhas querem terra mediana, e semeam-se juntamente com o estrume; — tremoços dão-se em qualquer terreno; quasi não precisam cultura, pois nem ao menos se sacham; enterrados na florescencia são excellente estrume para as vinhas; — os nabos, cenouras, rábanos, couve nabo &c. semeam-se nas terras que produziram cevada, e melhor depois de queimado o restolho; dão-se por consequencia nas terras capazes de produzir aquelle cereal; e não fatigam o terreno; — em geral todas as plantas de raizes bulbosas, tuberosas e carnudas, como são as cebolas, batatas, o nabo turnépo, as betarrabas &c. convem aos terrenos siliciosos ou saibrosos, porque estes por sua contextura porosa, e pela pouca adherencia de suas partes offercem menos resistencia ao desenvolvimento da raiz, e são elles mesmos mais permeaveis pela humidade, e penetrados pelo calor, o que tudo ajuda ao aperfeiçoamento da planta.

De tudo o que até aqui deixámos expellido se podem tirar as conclusões seguintes: — 1.ª que em geral os melhores terrenos são aquelles que contém a maior somma de substancias alimentarias para as plantas. É por isto que as terras calcareas que teem uma grande attracção para o acido carbonico, combinação chymica a mais favoravel á agricultura, são ferteis. 2.ª que os terrenos mais estimados são aquelles que contém uma maior quantidade de sedimento e particulas animaes e vegetaes em decomposição, porque os saes ahí concentrados estimulam fortemente a vegetação. 3.ª que não ha terreno tão máu que não possa produzir alguma cousa, emendados seus defeitos naturaes pela mistura de seus contrarios, e pelos estrumes adaptados. 4.ª que antes de emprehender qualquer genero de cultura se deve d'antemão considerar a natureza e qualidade dominante do terreno, sua exposição, e localidade, a fim de proporcionar-lhe a sementeira ou plantação conveniente.

(J. da C. N. C.)

OS SETE DORMENTES.

HA um grande numero de phrases e expressões vulgares, em que se faz allusão aos sete dormentes; e ha tambem um grande numero de pessoas que ignoram a historia destas celebres personagens, e por consequencia o valor exacto da phrase de que se servem, o que nós aqui poremos em breves palavras.

Entre as lendas fabulosas de que estão cheias as antigas chronicas ecclesiasticas, martyrologios, e sanctoraes, uma das mais notaveis é a dos sete dormentes, os quaes *acordaram* no tempo do imperador Theodosio, o moço, e da invasão dos vandalos na Africa. Quando se levantou a perseguição feita aos christãos pelo imperador Decio, sete mancebos nobres, naturaes d'Epheso, esconderam-se dos tyrannos n'uma espaçosa caverna aberta em certa montanha proxima daquella cidade. Soube disto Decio e ordenou que entulhassem a entrada da gruta com grandes pedras. Apenas, porem, esta ordem cruel se executou os sete mancebos cahiram em somno

profundo, que se prolongou milagrosamente, sem lhes consumir as vidas, por um periodo de 187 annos. Passado todo este tempo os escravos de um certo Adocio, que herdára o dominio daquella montanha, precisaram de remover as pedras que tapavam a boca da gruta para construir varios edificios ruraes. A luz do sol penetrou na caverna e os sete dormentes acordaram. Como, depois de haverem dormido por algumas horas, a fome os apertava, resolveram que um delles chamado Jamblico voltasse disfarçado á cidade de modo que não fosse conhecido dos esbirros de Decio, e comprasse pão para os outros. O mancebo — que tal pelo menos se cria elle — ao sahir da caverna mal pôde reconhecer o aspecto do seu paiz natal, que tão familiar lhe era; e mais espantado ficou vendo ao entrar em Epheso uma cruz triumphalmente erguida sobre a porta principal da cidade. Dirigiu-se a um padeiro, este ficou cheio d'assombro ao ver-lhe o trajo singular e ao ouvir-lhe a linguagem antiquada, assombro que augmentou quando Jamblico lhe deu para pagar o pão uma medalha com a effigie de Decio, como se fosse moeda corrente do imperio. Jamblico tornou-se então suspeito de ter achado algum thesouro enterrado, e por isso foi levado á presença do juiz. Pelos interrogatorios e depoimentos descobriu-se finalmente com admiração geral o modo porque Jamblico e os seus companheiros tinham escapado havia quasi duzentos annos á furia do tyranno Decio. O bispo d'Epheso, o clero, os magistrados, o povo, e até o imperador Theodosio, foram visitar a caverna dos sete dormentes, que depois de relatarem a sua historia expiraram immediatamente.

Mahomet provavelmente ouviu contar esta lenda, que devia ser vulgar na Syria já no sexto seculo, e assim introduziu-a no Koran como uma revelação divina.—A historia é portanto conhecida não só entre os christãos da Europa, mas tambem entre as nações da Africa e da Asia que seguem a religião mahometana. — A. H.

PHEBO MONIZ, OU O AMOR DA PATRIA.

QUE cousa haverá no mundo, que não tenha merecido louvores e censuras, ganhado patronos e detractores, sido objecto d'estima para uns, d'indiferença para outros, e até de desprezo para muitos. Não admira, pois, que o amor da patria tenha corrido a mesma sorte, e que, na razão de todas as cousas do mundo, exaltado por uns, haja sido menoscabado por outros. Vai dependente das paixões dos homens, como o trajar do capricho dos gostos. Quem não sabe, que os vicios tem figurado na galeria das virtudes, e que estas tem soffrido o insulto de as collocarem no estrado dos vicios? Não é muito vulgar chamar-se fraqueza á humildade, e grandeza d'alma á ambição, e á viangança? As paixões são os planetas terriveis que influem na moral e nas opiniões dos homens, como Marte, e Saturno em todas as cousas sublunares.

Os homens tem-se dividido sobre o objecto do amor da patria; e estou que ha demasia no enthusiasmo com que uns o defendem, e na frialdade com que outros o tratam. Estas demasias provam a existencia d'um meio termo, que é aquelle que o homem circumspecto deve seguir. Os campões d'uma e d'outra parcialidade me conformam no meu alvitre. Os patronos do amor da patria não deixam

de achar cordatas algumas reflexões de seus adversarios; e estes de contemporisarem com outras de seus rivaes. Querer impugna-lo absolutamente, é loucura e impolitica; é querer guerrear um sentimento inspirado pela natureza, e reclamado pelo interesse de sociedade. No caso d'excesso, antes quizera partilhar o enthusiasmo de seus defensores, que a frialdade de seus adversarios.

Ha muitos homens que acoimam de ridiculo o affecto que cada um consagra ao lugar em que nasceu. Dizem: — que idolatra-lo, é uma ninbaria — que amar o berço é proprio de crianças — que os grandes genios não tem patria — que ninguem é profeta na sua — que a patria dá a vida, mas difficilmente as honras — que o homem não se faz grande e conhecido senão girando, como o astro do dia — Um escriptor celebre ri-se de que o divino Homero pintasse a Ulysses entre os regalos de Pheacia suspirando por ver o fumo que se levantava sobre os montes da sua Ithaca; e reputa uma das fabulas menos verosimil, que este heroe preferisse os riscos da sua patria á immortalidade cheia de prazeres, que lhe offerecia a nimpha Calipso, debaixo de condições de viver com ella na ilha de Ogygia. Este escriptor celebre é Feyjó, que no seu discurso — Amor da Patria, e Paixão Nacional — levanta a voz com energia contra os patronos do amor da patria.

Algunas cousas ha neste discurso, que não se conformam com a boa razão. Este critico severo attribue todas as acções heroicas obradas a favor da patria, e inspiradas pelo amor della, á ambição, e a outras paixões, com pequenas excepções. Refutando com tanta força os principios dos scepticos em outro discurso, Feyjó parece sceptico a respeito dos sentimentos do nosso coração, duvida das boas intenções de quasi todos os patriotas. Mas dizer o que pode ser, não é dizer o que é: porque uma paixão pode enfraquecer o merito d'uma acção heroica d'um homem, não se segue que enerve a de todas em todos. Este scepticismo seria anti-social, e de outras muitas funestas consequencias. Temos muitos meios para o vencermos, e para nos decidirmos com segurança, avaliando o merecimento das acções dos homens: o character de cada um, as suas opiniões e principios, o seu modo constante d'obrar são outros tantos recursos que temos para entrarmos no sacrario de seus pensamentos.

Se lhe dizem, que os scythas fugiam das delicias de Roma para as asperezas do seu solo; que os lapponios, por mais commodidades que se lhe offerecessem em Viena, suspiravam pelo seu pobre e rigido paiz; que um selvagem do Canadá, trazido a Paris, viveu alli sempre triste, e melancholico: Feyjó responde, que estes homens vivem com maior conveniencia na Scythia, na Laponia, e no Canadá, que em Roma, em Viena, e em Paris; que acham maior prazer nos seus alimentos grosseiros, que nas nossas ignarias delicadas; que lhes aprazem mais os gélos da sua terra natal, que a temperatura das nossas; que preferem a liberdade de mudar de sitio em todas as estações á prisão de nossos domicilios. Custa a crer que assim discorra um homem de tanto merito; e que se sirva de semelhante sofisma para depreciar o amor da patria confirmado por aquelles factos. Todo o amor tem um motivo, não é um sentimento abstracto; e o da patria está na mesma razão. Todas essas commodidades, e conveniencias que o severo critico refere,

é que formam os laços de amor da patria, como as sympathias entre os homens as prisões de amizade &c. É natural ao homem amar o lugar onde nasceu, porque lhe é natural amar todas essas conveniencias.

Mas diga Chateaubriand o que eu sinto, e não posso explicar. Nós duvidámos (*veja-se o Genio do Christianismo*, liv. 5.º §. 14), que sem amor da patria possa haver uma unica verdadeira virtude, um só verdadeiro talento. Esta paixão faz prodigios na guerra; e nas lettras formou Homero e Virgilio. O poeta cego pinta com preferencia os costumes da Ionia, onde viu a luz; e o cysne de Mantua se entretém com as recordações do seu paiz natal. — A não ser o amor da patria, continúa Chateaubriand, os homens se precipitariam nas zonas temperadas, deixando o resto do globo deserto. Póde pensar-se, que calamidades resultariam de tal reunião do genero humano em um só ponto da terra? Para evitar esta desgraça, a Providencia [digamo-lo assim] *prende os pés de cada homem com uma attracção invencivel ao terradego em que cada um nasceu*. Os gelos da Islandia, e as torradas areias d'Africa nunca estão sem habitadores.

Não foi sem designio particular, que escolhi esta materia para discorrer. Tenho posto estes principios para agora dizer, que uma das cousas que mui me desorienta, é, ouvir dizer a qualquer homem: — «Eu sou cidadão do mundo!» — O homem que se diz cidadão do mundo, mostra que não tem laços nenhuns que o prendam, nem de parentes, nem de amigos, nem da patria; que tanto lhe vai em viver em Portugal, como em Marrocos, ou entre os Patagões; que lhe é indifferente passar a vida entre christãos, ou entre turcos. O homem que se diz cidadão do mundo, mostra, pelo seu desamor a tudo, que o devem temer; porque a facilidade que tem de fugir ao imperio das leis, fugindo, e passando d'um para outro paiz, o habilita para todos os crimes. É um homem que, pertencendo a todas as terras, não pertence a nenhuma; é vagabundo por principios; é um misero que não tem coração, e que merece ser exterminado de todas as sociedades. Como se formariam ellas, e como subsistiriam se todos os homens tivessem estes principios, e fossem indifferentes para com a sua patria?

Diga Feyjó, e os que o seguem, o que quizerem. Que não deve o mundo e a sociedade a este *instincto da natureza*, como lhe chama Chateaubriand? Que não lhe devemos nós os portuguezes? De que principio procederam tantas acções heroicas dos nossos nos dias de nossa gloria? Os principios que nos fizeram grandes ei-los aqui: — Amor de religião, e amor de patria! —

Deixando outros muitos portuguezes benemeritos da patria pelo amor que lhe consagraram, apresento Phebo Moniz. Pareceu-me muito propria para o nosso tempo uma resposta deste illustre varão. Vendo, nas côrtes que juntou o cardeal rei, que este se mostrava inclinado ao partido de Castella, tanto se affiigi publicamente, e se encolerizou contra a parcialidade philippina, que deu mostras do seu desagrado. Então o cardeal lhe disse melancolico: — *Phebo Moniz, vós estais muito agastado!* — O illustre Moniz lhe tornou com toda a liberdade, e firmeza d'um peito luso: — *Sim, senhor, porque nos querem fazer castelhanos!* —

Phebo Moniz não era cidadão do mundo. Nesse caso, faria o que fazem todos os que professam não ter patria, seguiria o partido de quem mais

lhe dêsse. Tinha nascido portuguez, não entendia que pudesse ser castelhano. Estou que longe de Portugal, ainda que em delicias e representações, suspiraria por vêr a corrente do seu amado Têjo, como Ulysses suspirava por vêr o fumo da sua pobre Ithaca. Digno é elle de ser appresentado como modelo aos homens que entre nós representam, e que devem promover a nossa felicidade e a nossa independencia; e seguindo-o nós seremos felizes e sempre portuguezes.

(O Moralista.)

OS ESQUELETOS DOS CARAÍBAS.

No archipelago entre as duas Americas ha um grupo de ilhas, que se denominam ilhas Caraíbas, alem do nome usual de Antilhas, que se estende desde Tabago ao sul até ás ilhas Virgens ao norte: este grupo foi reconhecido por Christovão Colombo na sua segunda viagem, quando tocou em Guadelupe e em Antigoa. O centro de cada uma destas ilhas é occupado por um monte, que em geral campêa sobre todas as outras eminencias: em algumas o centro é volcanico: o mar quasi por todos os lados offerece grande profundidade, ainda a pequena distancia das praias. — Os francezes possuem neste archipelago a Guadelupe, a Martinica, Santa Lucia, Tabago, e algumas outras pequenas. A Guadelupe é a mais importante, tanto pela extensão, como pelo territorio, que appresenta agradável diversidade de collinas e bahias, e de fazendas ruraes; e mesmo em relação ao commercio, porquanto exporta mais de 150,000 quintaes d'assucar, 40,000 ditos de café, e muitos outros generos em menor quantidade: a somma de todas estas producções exportadas sobe a seis milhões de cruzados annualmente.

Quando Mr. Ernouf, official general, foi ha poucos annos nomeado para o governo da Guadelupe, e que entrou no exercicio d'elle, entre varios pontos da ilha, que visitou, foi a costa de *Môle*, onde encontrou cadaveres dos caraíbas [primitivos habitantes, raça que os invasores europeus tem destruido] envolvidos nas grandes massas de *madreporas* petrificados: fez com que se empregasse assiduo trabalho para se descobrirem alguns destes esqueletos notaveis, que destinava para o museu de historia natural de Paris. Este trabalho, diz o citado official, offereceu grandes difficuldades: 1.º porque as ossadas dos caraíbas estão encravadas n'um banco de madreporas, extremamente duro; e que se não podem extrahir a não se empregar escôpro que as vá cortando em tórno: 2.º porque o mar a cada refluxo cobre o sitio em que se acham. Estes restos humanos mostram grande estatura: a massa, que se deve extrahir com elles tem perto de oito pés de comprimento sobre dois e meio de largura; pesará perto de tres mil arrateis. — As opiniões são diversas sobre a sua origem: uns dizem, que naquella logar se dera um grande combate entre os naturaes da ilha, e os de outra visinha: outros pretendem, que fôra uma flotilha de canoas, que naufragára alli, onde o mar quebra com violencia as suas ondas, quando o vento rijo o agita: outros emfim presumem, que n'aquella logar havia um cemiterio dos naturaes do paiz, e que talvez em tempos posteriores fosse alagado pelo mar.

Os máus tem a imprudencia de se accusarem reciprocamente, para cautela e apercebimento dos bons.